



Shiraga Kazuo
(sem título), s. d.

O lugar sem o tempo

Gary Hill. *Exposição no Oi Futuro,*
Rio de Janeiro, de 21 de julho a 6 de setembro de 2009
Beatriz Pimenta*

A exposição do videoartista norte-americano Gary Hill, *O lugar sem o tempo / Taking time from place*, esteve no Rio, e em janeiro de 2010 irá para o Museu da Imagem e do Som em São Paulo. As obras dessa exposição, embora apresentem semelhanças com as que ele apresentou no Centro Cultural Banco do Brasil, em 1997, parecem estabelecer um confronto mais direto com a vida contemporânea e o desenvolvimento tecnológico. Nas primeiras galerias do Oi Futuro estão duas instalações instigantes, mas que raramente conseguem prender os visitantes na sala por mais de um minuto. Certamente não são ambientes que nos levam à contemplação, como os trabalhos da exposição *O lugar do outro* no CCBB do Rio e no MAM de São Paulo, em 1997, produzidas como esta por Marcelo Dantas.

Na primeira sala está *Accordions, 2001/2002*, instalação de cinco projeções não sincronizadas gravadas em Belsunce, bairro franco-argelino em Marselha, na França. Dado que pode ser obtido na legenda da instalação antes ou depois de entrarmos na sala, sem lê-la, dificilmente saberemos do que se trata, pois a interrupção nos planos e os ruídos aparentes da edição, não nos permitem identificar referências precisas do local, muito menos o idioma falado no cotidiano das ruas. Embora o cenário escolhido tenha sido uma peculiar vizinhança de imigrantes, Hill não nos deixa penetrar nos longos planos sequências ao estilo das etnografias que nos permite desfrutar a distancia da fala, do espaço e do tempo do outro; talvez uma das suas intenções seja falar dessa impossibilidade. Porém, quem permanece mais tempo na sala percebe que se trata de tomadas contínuas, que no curso de cada uma das cinco projeções alguma pessoa em particular sempre é capturada pela câmera; mas quando o zoom vai se aproximando dela, a imagem é interrompida por sequências de preto/silêncio, que roubam a cena transformando os rostos capturados em instantâneos fotográficos quase inapreensíveis; e assim que a câmera recua volta o cenário do tempo acelerado das ruas. Ao nos exigir

*Beatriz Pimenta Velloso é artista e mestre em Linguagens Visuais pela EBA-UFRJ, atualmente faz doutorado em Imagem e Cultura na EBA-UFRJ e desenvolve pesquisa sobre artistas que trabalham com vídeo.

esforço para acompanhar essas sequências, Hill nos faz pensar sobre o significado desses deslocamentos, dessas interrupções que quebram a linearidade das palavras e das imagens. Eu diria que é para nos mostrar a natureza da linguagem contemporânea: o *zapping* dos canais de têve, as navegações na Internet; embora ele deixe isso em aberto sugerindo uma volta a estrutura primordial da linguagem, uma linguagem para além do seu sentido semântico: “quando você perde as palavras é quando experimenta a verdadeira natureza da linguagem.”¹

No mesmo andar está *Wall piece*, 2000, vídeo de um canal em que um homem, vestido de calça e paletó pretos, se joga contra uma parede a cada vez em que pronuncia uma palavra em voz alta. As palavras fazem parte de um texto que está fixado no corredor que antecede a sala; cada palavra, cada luz da lâmpada estroboscópica que dispara dentro do vídeo e ao vivo na instalação, é uma pancada, principalmente quando essas luzes se apagam ou disparam ao mesmo tempo escurecendo ou saturando a imagem. Tentar captar o texto e seu sentido na instalação é uma insistência inútil como bater contra a parede. No entanto, as razões que levam a esse impasse podem ser esclarecidas quando lemos, fora da sala, o texto que as palavras constroem, são questões que Hill faz para ele mesmo ou para o espectador:

Onde estou me sinto abandonado pelo real... A diferença existe apenas no som uma parede de som. Poderei atravessá-la? Poderei levar isso adiante? Onde está agora e onde reside? De que se alimenta? Por que fica instável? Nada se aproxima de sua velocidade Trata-se daquele orifício pelo qual tudo deve passar... Existirá um instante de reconhecimento?³

Aparentemente, em *O lugar do outro* está presente a mesma dicotomia de *O lugar sem tempo*: o corpo do sujeito (seja o dele próprio ou o de algum outro que o represente) e corpos de outros. Sobre a problemática entre o eu e o outro, Hill nos diz que, “quando encaramos o outro, refletimos sobre as verdadeiras ideias que temos de nós”⁴; diluindo esse dualismo coloca o estranhamento que temos entre nós e os outros, como possibilidade de estranhamento de nós mesmos.

Em 1997, na entrada do CCBB, *Inasmuch as it always already taking place*, de 1990, em uma vitrine embutida na parede um corpo aparece fragmentado em dezesseis monitores de vários tamanhos. Nunca exibido em sua totalidade, esse corpo em posição fetal pulsa ao ritmo de uma sinfonia de respirações e sons quase inaudíveis, as mudanças na imagem são mínimas, dão a lenta sensação do passar do tempo, instigam a contemplação. Em 2009, *Up against down*, na última galeria do Oi Futuro, expõe cinco fragmentos do corpo do artista em idade mais avançada. Na instalação, sua cabeça, seu tronco e seus membros parecem querer romper o limite das quatro paredes da sala, na qual o espectador obrigatoriamente vibra entre

sons de baixa frequência super ampliados, que na verdade foram produzidos durante a gravação das imagens, quando partes desse corpo se pressionam contra superfícies negras que as refletem parcialmente. O corpo que pulsava e sugeria contemplação aqui nos faz vibrar em uma pulsação eletrônica semelhante a dos celulares ou aparelhos de massagem, mas isso não gera uma sensação prazerosa e sim de opressão, de confinamento, sensação que também não prende o espectador dentro da sala. Desde os treze anos, quando fez *Skarterdater*, filme sobre o skate que foi indicado ao Oscar de melhor curta-metragem, Hill em suas obras reflete sobre a relação do corpo com a cultura e a tecnologia: “A tecnologia é algo contra o que eu costumo me debater, me permite encontrar limites”, diz. “Rejeito o espetáculo para mostrar o néctar da ideia, sem nenhum acolchoado técnico, a seqüência nua de estímulos.” [...] “Embasbacar-me deixou de ser uma opção.”⁵

Antes de penetrarmos em *Tall ships*, apresentado no CCBB em 1997, atravessávamos um longo corredor escuro que nos fazia perder totalmente a noção do espaço em que estávamos, até chegarmos a uma sala iluminada apenas por projeções que eram acionadas pela nossa presença. As imagens de pessoas de diferentes origens étnicas, gêneros e idades, contrastadas em preto e branco, quando projetadas nessa sala totalmente escura, pareciam surgir diretamente no espaço. Silenciosas, lentamente, essas pessoas pareciam se aproximar do espectador até chegar a um tamanho próximo ao natural, permanecendo ali até que ele se afastasse. Tudo sugeria contemplação nesses doze personagens tão diferentes entre si, que o espectador tendia a encarar um por um permanecendo bastante tempo na sala, que raramente ficava vazia. Em *Viewer*, um trabalho de 1997 que vemos em 2009, dezessete homens, possivelmente imigrantes latinos de descendência indígena, posaram individualmente para a câmera olhando para ela como se estivessem fazendo uma fotografia de identidade. Na instalação, eles são montados juntos formando um grande grupo, o espectador após percorrer o comprimento da sala sai incomodado em ver aquele grande grupo homogêneo que o encara em silêncio parecendo lhe seguir e cobrar alguma coisa. A sala já não é totalmente escura, pois não tem um corredor para isolar a luz que vem de fora, a projeção é uma luz constante que se presentifica no momento em que entramos na sala e permanece inalterável com a nossa presença. Quando lemos a legenda confirmamos a primeira impressão, pois nos é dado que se trata de trabalhadores temporários. Eles piscam, movem um pouco as pernas e os braços para descansar da posição, respiram e nada mais acontece, nem percebemos quando cada um dos vídeos entra em *looping*. *Viewer* nos leva a uma contemplação rápida nada transcendente; ao contrário de *Tall ships* (Caravelas) que a sensação de avistar o estranho é fantasmagórica, quase extraordinária.

Em *Language willing*, 2002, o poeta e compositor australiano Chris Mann recita um texto sonoro, acompanhando o seu ritmo com as mãos que giram dois discos dispostos lado a lado. O texto não tem sentido lógico ou temporal, os dedos procuram se mover sobre as flores, folhas e galhos dos padrões floridos que revestem os discos, esse movimento vez por outra muda para os discos ou muda o sentido de seus giros, trazendo junto ao tema da desconstrução do sentido, o ritmo de uma linguagem primordial. *Language willing* fica nas paredes externas da sala onde está *Viewer*, sua tagarelice inapreensível se contrapõe ao silêncio dos trabalhadores que nos encaram.

Hoje, poucos vídeos de Hill estão na Internet¹, o que encontramos no Youtube são gravações sem qualidade de visitantes das suas exposições. Após ele próprio ter lançado alguns trabalhos na rede, atualmente tem repensando essa atitude, pois instalações feitas a partir de vários canais de vídeo, como *Accordions*, *Viewer*, *Up against down*, perdem sua força quando são vistas na tela fixa de um computador. Além de perdemos a noção do espaço e a dimensão das projeções, não experimentamos efeitos que acontecem diretamente em nossas vistas, como a luz estroboscópica de *Wall piece*.

Fora a questão da arquitetura, na exposição do CCBB, o alto pé direito das salas, o amplo espaço que percorremos entre uma instalação e outra fazem uma grande diferença da exposição atual. No Oi Futuro, um espaço funcional atravessado por escadas de vidro e ferro, com corrimãos de aço que nos levam diretamente a pequenas salas com pé direito baixo; as instalações não causam o mesmo impacto. Com a ressalva de que o Oi Futuro é o único espaço no Rio de Janeiro adequado para receber e manter uma exposição de vídeo, sem precisar recorrer a empresas especializadas no ramo, o que sem dúvida onera bastante qualquer produção.

Notas

1 http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20090720/not_imp405359,0.php

2 Where am I...I feel abandoned by the real...Difference exists only through sound...a wall of sound. Can I go through it? Can I do through with it? Where does it reside? What does it feed on? Why does it flicker? Nothing approximates its speed...This is that hole which everything must pass through...Will there be a moment of recognition?

3 http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20090720/not_imp405359,0.php

4 ibdem

5 Quando escrevi essa resenha Around & About estava disponível na íntegra no Youtube, onde também achei um pequeno trecho de *Wall piece*, dois excelentes trabalhos de apenas uma canal de vídeo. O filme *Skaterdater* que Hill fez aos treze anos sobre o skate pode ser visto no video.google.com. Também estão disponíveis fotos e textos de qualidade variada sobre muitos vídeos e instalações.